



### Densidade, Distância e Divisão na África Subsaariana

Em novembro de 1884, o chanceler da Alemanha Otto von Bismarck convocou uma reunião de 14 potências coloniais europeias em Berlim. Depois de quatro séculos de competição e hostilidade, havia chegado a hora de negociar e resolver disputas territoriais. Grã-Bretanha, França, Alemanha e Portugal eram os principais atores; nenhum africano foi convidado. Quatro meses depois, as fronteiras dos países africanos haviam sido desenhadas segundo um padrão reconhecível ainda hoje (ver mapa G4.1). A solução negociada por Bismarck persistiu até o final da I Guerra Mundial, quando a Liga das Nações confiscou as quatro colônias da Alemanha e entregou a outros colonizadores o mandato de governá-las. No momento da independência, nos anos 1950 e 1960, a África Subsaariana tinha quase 50 países, muitos deles chamados de “estados artificiais”, com fronteiras que cortavam acidentes geográficos e a separação de grupos étnicos em mais de um país.<sup>1</sup>

**P**ara a África Subsaariana, a conferência de Berlim foi apenas o último de uma longa linha daquilo que os geógrafos denominaram “desastres formativos”, que alteraram desfavoravelmente a geografia humana, física e política do continente, criando em todo o continente problemas de baixa densidade, longas distâncias e países divididos.

- **Baixa densidade.** A África Subsaariana foi, durante muito tempo, um continente onde a população era escassa. A população no século XVIII era de aproximadamente 90 milhões. A Eurásia, com uma área cerca de duas vezes maior que a da África, tinha um número mais de cinco vezes maior de pessoas. Mas essas condições iniciais foram tragicamente agravadas pelo tráfico de escravos. Estima-se que, entre 1700 e 1810, 15 milhões de africanos — um em cada seis — tenham sido levados para as Américas. Certas áreas foram despovoadas, e muitas outras afundaram num conflito devastador à medida que o preço colocado em seres humanos colocou os africanos uns contra os outros. A Europa finalmente pôs fim ao tráfico de escravos, e substituiu-o pelo colonialismo no século XVIII. O comércio ganancioso de homens foi substituído então pela pilhagem do continente em busca de minérios. Mas até com os novos ocupantes o conti-

nente ainda sofria de baixa densidade na maioria dos lugares.

- **Longas distâncias.** Desde o Holoceno, que começou há aproximadamente 18 mil anos, o Saara é um deserto inóspito que separa o norte da África do que chamamos hoje de África “Subsaariana”. O aquecimento global daquele período teve outras consequências importantes. Ele interrompeu o contato entre a maior parte da África e as civilizações que emergiam no Egito e no Oriente Médio. Ele transformou a África Equatorial de uma savana temperada num lugar quente e úmido onde a malária e a febre amarela se propagaram. A proximidade de animais selvagens e a ausência de gelo — um desinfetante natural — aumentaram a vulnerabilidade humana às doenças. E quando os africanos se instalavam em lugares saudáveis e férteis, eram novamente expulsos pelos colonizadores. Desde os anos 1950, conflitos armados ligados a movimentos pré e pós-independência agravaram o problema dos refugiados. O resultado: movimentos de pessoas que relegaram muitas delas a áreas remotas, distantes dos centros de atividade econômica. A longa distância da densidade ainda afeta o potencial de crescimento de grande parte da população africana.
- **Divisões profundas.** A divisão da África em 1884 deixou o continente com o maior número de países por quilôme-

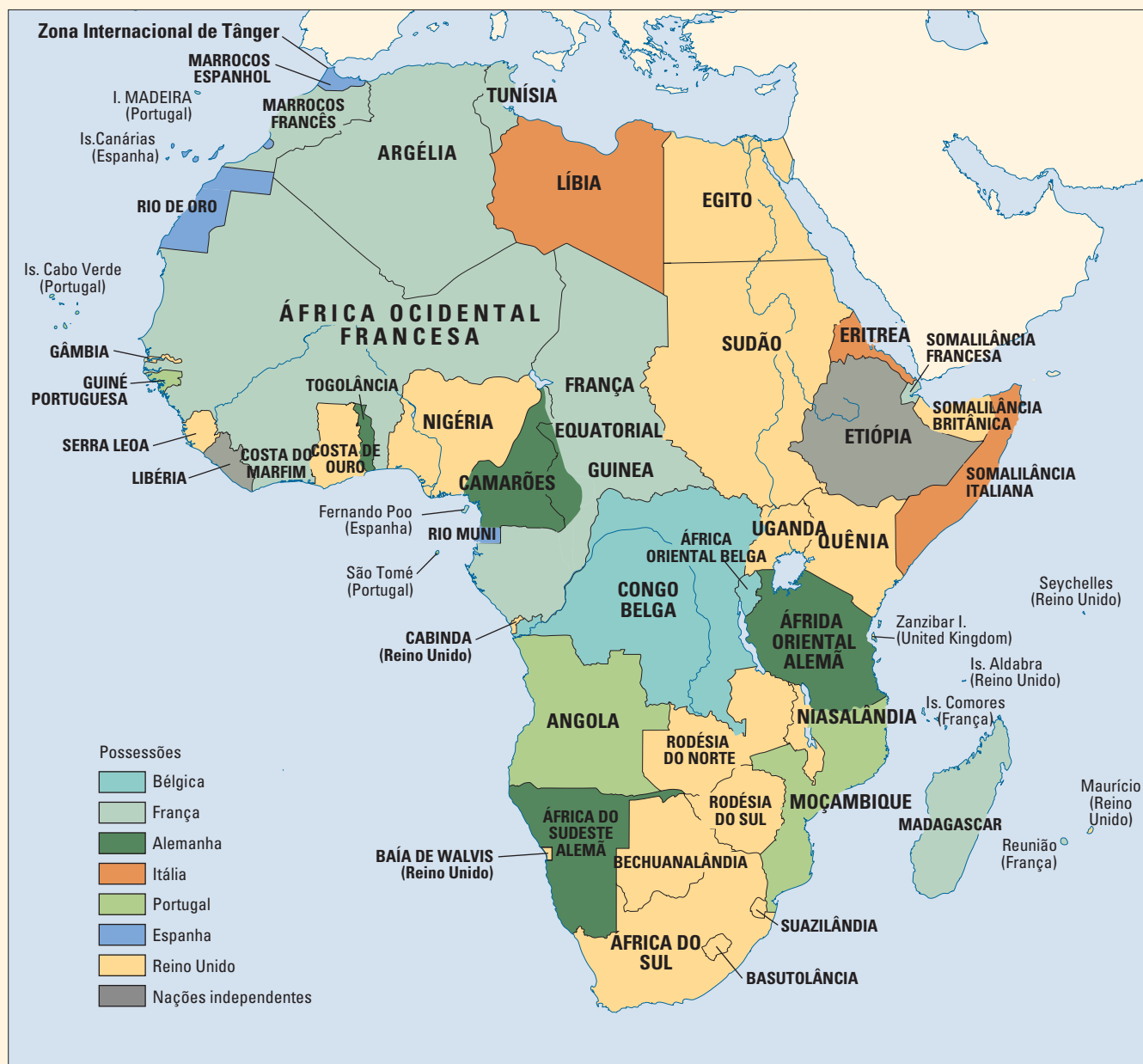
tro quadrado do que qualquer outra região do mundo. Cada país africano tem em média quatro vizinhos; na América Latina a média é de 2,3. Também existem divisões religiosas entre os países e dentro deles. Chade, Costa do Marfim, Etiópia, Nigéria, Somália e Sudão, por exemplo, são fragmentados numa parte islâmica e outra não-islâmica. O Islã veio do Oriente Médio para o norte e o oeste África por terra e para o leste da África por mar. Mais tarde, os colonizadores europeus trouxeram o Cristianismo. A superposição dessas grandes religiões mundiais às crenças tradicionais reforçou as divisões do continente e pode ter piorado o conflito.<sup>2</sup>

A África Subsaariana sofre hoje da tripla desvantagem da baixa densidade, das longas distâncias e da divisão profunda que prejudicam o desenvolvimento do continente. Essas dimensões espaciais reduzem a proximidade entre os agentes econômicos dentro da África Subsaariana, e entre a África e o resto do mundo. A “causalidade cumulativa” entre essas forças prende muitos países da África Subsaariana numa “armadilha da proximidade”.<sup>3</sup>

#### A baixa densidade está ligada a forças de aglomeração fracas

A densidade populacional média do continente (77 pessoas por quilômetro

Mapa G4.1 As fronteiras da África foram desenhadas antes da I Guerra Mundial



Fonte: Equipe do RDM 2009, baseada em Pakenham 1992.

quadrado) está entre as mais baixas do mundo.<sup>4</sup> Um continente escassamente habitado pode superar isso fazendo bom uso da terra e das pessoas e concentrando os recursos em aglomerações urbanas. Mas a África Subsaariana é o continente menos urbanizado do mundo, pois apenas um terço da população vivia em áreas urbanas em 2000, segundo o *World Urbanization Prospects*, das Nações Unidas. Devido à falta de censos regulares e recentes, até essa estimativa da urbani-

zação da África pode ser exagerada.<sup>5</sup> O índice de aglomeração proposto no capítulo 1 atribui à África um placar de 25%, comparado a aproximadamente 50% para o resto do mundo.

As divisões entre os países da África podem distorcer o padrão de urbanização. Uma simulação sugere que, se os 50 países da África fossem 50 estados de um mesmo país, como os Estados Unidos, as maiores cidades seriam ainda maiores do que são hoje, e capazes de susten-

tar economias diversificadas e incubar empresas, qualificações e inovação. Sem tais perspectivas, os trabalhadores qualificados da África migraram para outros continentes.

### As longas distâncias elevam os custos de transporte e reduzem a mobilidade dos fatores

A distância reforça os efeitos da densidade populacional baixa sobre a produtividade na África. Embora muito se

Tabela G4.1 As regiões mais distantes e divididas – comércio e transporte são caros

Região	Tempo de comercialização através das fronteiras para exportações (dias) <sup>a</sup>	Custos médios de transporte (US\$ por contêiner para Baltimore) <sup>b</sup>	População em países sem litoral (%) <sup>b</sup>	Proporção do número de países por superfície <sup>b</sup>	Densidade viária (km <sup>2</sup> de estradas por superfície) (1999) <sup>c</sup>	Número estimado de conflitos civis (1940-2000) <sup>d</sup>
Ásia Oriental e Pacífico	24	3,900	0.42	1.44	0.72	8
Leste Europeu e Ásia Central	29	–	23.00	1.17	–	13
América Latina e Caribe	22	4,600	2.77	1.52	0.12	15
Oriente Médio e África do Norte	27	2,100	0	1.60	0.33	17
Ásia Meridional	34	3,900	3.78	1.67	0.85	24
África Subsaariana	40	7,600	40.20	2.00	0.13	34

Fontes: a. Banco Mundial 2006b, p. 44 b. Ndulu e outros 2007, p. 101 c. Ndulu e outros 2007, p. 29 d. Fearon e Laitin 2003, pp. 7-10.

Nota - = não disponível

fale sobre a distância da África em relação aos mercados mundiais, o principal problema é interno — longas distâncias dentro dos países.<sup>6</sup> A tabela G4.1 indica que a África tem uma das mais baixas densidades viárias do mundo, perdendo apenas para a América Latina. Porém, ao contrário da América Latina — cuja população vive sobretudo ao longo da costa, o que torna desnecessário construir estradas para o interior —, um terço da população da África vive em países sem litoral e ainda mais distantes do acesso aos mercados globais. Ademais, a distância econômica na África — no sentido do acesso aos mercados (ver capítulo 2) — é aumentada pelos conflitos armados e pela diversidade linguística (ver mapa G4.1). A distância econômica isolou uma grande parcela dos africanos do acesso aos mercados internos e globais. Os fatores físicos, como a relativa ausência de rios navegáveis e de portos naturais, são obstáculos graves ao comércio. Baixos níveis de comércio interno e internacional, por sua vez, limitam o potencial de crescimento.

### As divisões profundas elevam os custos de transporte

A África Subsaariana é um continente altamente fragmentado, com muitas fronteiras, muitos vizinhos e altos custos de transporte. A África está fisicamente

tão próxima dos mercados globais quanto a Ásia Oriental — cerca de 7.500 quilômetros — e mais perto do que a América Latina (9.000 quilômetros).<sup>7</sup> Mas ainda custa quase duas vezes mais para enviar um contêiner para a costa leste dos Estados Unidos a partir da África do que de outras regiões (ver tabela G4.1). Ao acesso caro aos mercados globais soma-se o acesso custoso aos mercados regionais. Um exportador africano leva aproximadamente 40 dias para cruzar a fronteira com um país vizinho, comparado a 22 dias de um exportador latino-americano. Para o terço de africanos que vivem em países sem litoral, os custos da divisão são ainda mais altos. Eles precisam transportar os bens por longas distâncias de terra — o que custa caro, pois cada aumento de 1% na distância aumenta os custos de transporte em aproximadamente 0,25%.<sup>8</sup> E os países sem litoral dependem da boa vontade (e dos investimentos eficientes) dos vizinhos para ter acesso aos portos e mercados.

### Enfrentar o desafio — melhor urbanização, mais especialização interna e mais integração regional

A África pode reduzir as limitações de sua geografia econômica desfavorável superando a baixa densidade, as longas distâncias e as divisões profundas. Melhores aglomerações urbanas

podem proporcionar eficiências de escala. Ligações de transporte podem ajudar os mercados internos a crescer. E a integração regional e global pode promover o comércio. Integração regional, mobilidade da força de trabalho, investimentos em comércio, comunicação e infraestrutura de transportes, e paz e estabilidade devem permanecer no topo da agenda. Elas criam boas regiões, e melhores regiões facilitam o investimento, o comércio e a mobilidade dos fatores, num ciclo de prosperidade.

- **Urbanização.** Ao contrário do que alguns pensam, a urbanização, se feita da maneira correta, pode favorecer o desenvolvimento na África mais do que em outros lugares. Apesar de cinco décadas de urbanização de baixa qualidade, os padrões de vida nas cidades africanas são muito mais altos do que no campo. Se a urbanização puder ser mais bem administrada, de acordo com as propostas do capítulo 7, podem-se esperar ganhos significativos de produtividade e redução da pobreza.
- **Desenvolvimento territorial.** A orientação da geografia econômica é clara: as empresas e os trabalhadores buscam a aglomeração, e a migração é uma maneira natural de aumentar a densidade e reduzir a distância dos mercados. O capítulo 8 propõe

alguns princípios e prioridades para os países onde as áreas atrasadas são escassamente povoadas e divididas segundo linhas étnicas, linguísticas ou religiosas. A agricultura é uma prioridade, mas as políticas para ajudar as áreas *avançadas* a explorar as economias de escala podem ser especialmente importantes na África, cujo desenvolvimento econômico se iniciou mais tarde.

• **Integração regional.** Dada a história do continente, o regionalismo político pode ter que tomar a dianteira da integração regional africana. A experiência da Europa Ocidental apresentada neste Relatório ressalta a importância de se começar aos poucos e manter as expectativas realistas. A integração regional leva tempo e não ocorrerá simultaneamente em todas as partes da África. Projetos de infraestrutura

são um bom ponto de partida. Mas a África pode desfazer um pouco de que Bismarck e seus convidados fizeram em 1884. O capítulo 9 mostra que muitos países africanos deram os primeiros passos, delineando o que o resto do mundo pode fazer para ajudar.

Baseado numa contribuição de Wim Naudé.